

Paredão Reinaldo Behnken 3º IIIsup E2 D1, 185 metros

Localização: Morro da Babilônia, Face Norte, Rio de Janeiro - RJ

Conquistadores: Giuseppe Pellegrini, Mário Arnaud e Oswaldo Pereira, em 10/02/1984

Vias clássicas do CERJ

Abril de 2024

O Paredão Reinaldo Behnken é uma via de escalada na Face Norte do Morro da Babilônia, praticamente na entrada da trilha de acesso à parede e que acabou de comemorar 40 anos de existência. Desenhando uma bonita linha, a via permite fazer cume na montanha – apesar de poucos, hoje, fazerem-no –, sendo muito frequentada em todas as épocas do ano.

Seu nome é uma homenagem a Reinaldo Behnken, grande escalador do CERJ na década de 1940, conquistador do PICO DO ITABIRA, em Cachoeiro do Itapemirim (ES); do OLHO DIREITO, na Pedra da Gávea; da CHAMINÉ RIO DE JANEIRO, no Corcovado, dentre outras vias clássicas.

Durante o evento de inauguração da via, em agosto de 1984, o próprio homenageado esteve presente, tendo observado a escalada da Praça General Tibúrcio e se emocionando com a homenagem [Ver quadro RELATÓRIO DA ESCALADA INAUGURAL].

POR QUE É UMA CLÁSSICA?

A Reinaldo Behnken é considerada uma das vias mais fáceis do Morro da Babilônia, além de estar praticamente na porta do Bondinho e, por isso mesmo, frequentadíssima. Ela é, portanto, daquelas vias que caíram nas graças da comunidade de escaladores e são raras as vezes em que se passa pela Urca, sobretudo na alta temporada, sem que ela não esteja ocupada por uma ou mais cordadas.

Seu primeiro esticção, apesar da baixa graduação, é considerado um desafio para os que estão iniciando na guiada e muitas aulas dos vários Cursos Básicos de Montanhismo, bem como de Cursos de Primeiro de Cordada, são realizadas na via. É, portanto, uma via que está no coração do escalador carioca, que muito provavelmente passou por ela no início de sua carreira.

Além disso, e talvez mais importante, a via tem um valor todo especial para o CERJ, já que foi a última conquista de Giuseppe Pellegrini, o grande escalador CERJense, conquistador de inúmeras vias emblemáticas do clube e reformulador da Escola Técnica de Guias Excursionistas (ETGE) nos anos 1960. O



Foto: Philipp Moritz Steinbicker

Mariozinho Richard iniciando o rapel a partir da P4. Ao fundo, o Instituto Militar de Engenharia (IME), a Praça General Tibúrcio, a Praia Vermelha e o Pão de Açúcar.

Paredão Reinaldo Behnken, portanto, fecha com chave de ouro – até o momento – a era de conquistas realizadas por Giuseppe Pellegrini.

DESCRIÇÃO

A via começa em um óbvio bloco de pedra que se assemelha a uma pequena mesa. A PRIMEIRA ENFIADA é certamente a mais difícil da via, começando em uma linha reta para cima em agarras e então passando por umas lacas horizontais à esquerda. Recomenda-se o uso de costuras longas nas primeiras proteções a fim de evitar o arrasto da corda. O *crux* é logo acima do diedro, em uma “barriguinha” cotada em IIIsup. Algumas pessoas conseguem costurar antes de fazer o lance, outras costumam após passarem, o que pode deixá-lo mais comprometedor psicologicamente.

A SEGUNDA ENFIADA é curta, mas a parede fica menos vertical e há alguns lances de aderência. A parada é feita em um óbvio buraco, muito confortável.

A TERCEIRA ENFIADA é cheia, mas a parede continua pouco inclinada. A grampeação, contudo, se torna mais espaçada, um verdadeiro E2 no que diz respeito à exposição. A saída da P2 e o trecho antes da dupla intermediária demandam alguma atenção. A chegada à terceira parada, que está em um excelente platô, é levemente mais vertical que os trechos anteriores, exigindo, também, algumas passadas de aderência.

A QUARTA ENFIADA começa em um lance exposto de passadas delicadas no início, mas cruza uma cristaleira de grandes agarra logo acima, levando o escalador a um grande e amplo platô onde há dois grampos bem próximos (cerca de 1,5m), mas que não formam uma parada dupla. A via então segue mais à direita e há uma barriguinha desprotegida até o próximo grampo, continuando inclinada e com agarra pequenas até a dupla, que fica em um buraco, muito confortável para fazer a segurança do participante.

A QUINTA ENFIADA continua em linha reta para cima, em direção a um grampo brilhante. À direita há um grande grampo, mas ele pertence à via RICARDO PRADO. Após o segundo grampo, a via segue à direita, passando por um buraco onde há uma dupla. Acima da dupla há mais um grampo e então chega-se à P5. Recomenda-se puxar o participante daqui, de onde



Reinaldo Behnken ao lado de Salomyth Fernandes, na ATM de 2008. Coincidência: segundo Pellegrini, a conquista do Paredão Reinaldo Behnken era "uma escolha lógica porque estava ao lado do [Paredão] Salomyth".

ainda é possível manter contato visual. Após a P5, há ainda um trecho de cerca de 10 metros, que leva à base da trilha no topo do Morro da Babilônia. Logo acima da dupla vê-se a primeira proteção, apesar de às vezes estar encoberta pela vegetação. Acima dessa há a dupla final, mas tão tomada pelas plantas que é de difícil visualização para quem não conhece a via.

Esses trechos finais são pouco escalados e normalmente se encontram sujos, por isso podem parecer mais difíceis, mas seu nível de dificuldade é o mesmo das anteriores. Mais do que isso, fornecem uma escalada bonita e divertida, além de uma visão diferenciada do Babilônia. Vale conhecer!

O melhor rapel é mesmo pela Reinaldo Behnken, onde há paradas duplas intermediárias adequadas em quase todos os esticões. A exceção fica para o rapel a partir da P4, que, com uma corda de 60m, não permite chegar à P3. Sendo assim, o escalador deve parar nos grampos que estão próximos logo acima da cristaleira depois da P3. A via é uma das mais longas do Babilônia. Leve, então, bastante água e lanchinhos.

APROXIMAÇÃO

Para acessar as vias da Face Norte do Morro da Babilônia, o escalador deve se dirigir até a entrada de funcionários do Bondinho e apresentar documentação para o atendente, que liberará o acesso. Após passar o trecho de escadas, é preciso pegar a trilha à direita. Assim que chegar à parede, vire à esquerda e caminhe até o bloco de pedra que está a menos de 10 metros do trecho onde a trilha encontra a parede.

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2024-2026)

Presidência: Marcelo Gerson Pessoa de Matos

Vice-Presidência: Miriam Gerber

Secretaria: Anabel Ferreira Vaz e Giseli Baena

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Sandra Maria Rebelo de Almeida e Thatiana Marques Waldman

Diretoria Técnica (DT): Carla de Oliveira Romão

Auxiliares da DT: Thiago Gabriel de Araujo e Charles Diniz

Diretoria de Comunicação: Alexandre Gomes da Costa e Yvie Carolinne Medeiros Barcellos

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício, Bruno Waldman e Roberto Schmidt de Almeida

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Texto "Quem é Giuseppe Pellegrini": Diego Scofano & Igor Costa

Croqui: Mariozinho Richard e Marcelo 'Magal' Matos

Agradecimentos: Waldecy Lucena, Giuseppe Pellegrini, Mariozinho Richard, Jana Menezes, Carlos Carrozino, Juca, Mao Tsé Brasil, Philipp Moritz Steinbicker e Norma de Almeida

Paredão Reinaldo Behnken - 3º Illsup E2 D1, 185 metros

Morro da Babilônia, Face Norte, Rio de Janeiro – RJ

Conquistadores:

Giuseppe Pellegrini, Mário Arnaud e

Oswaldo Pereira

10/02/1984

Equipamentos:

Corda de 60 metros

7 costuras (2 longas não obrigatórias)

Legenda:

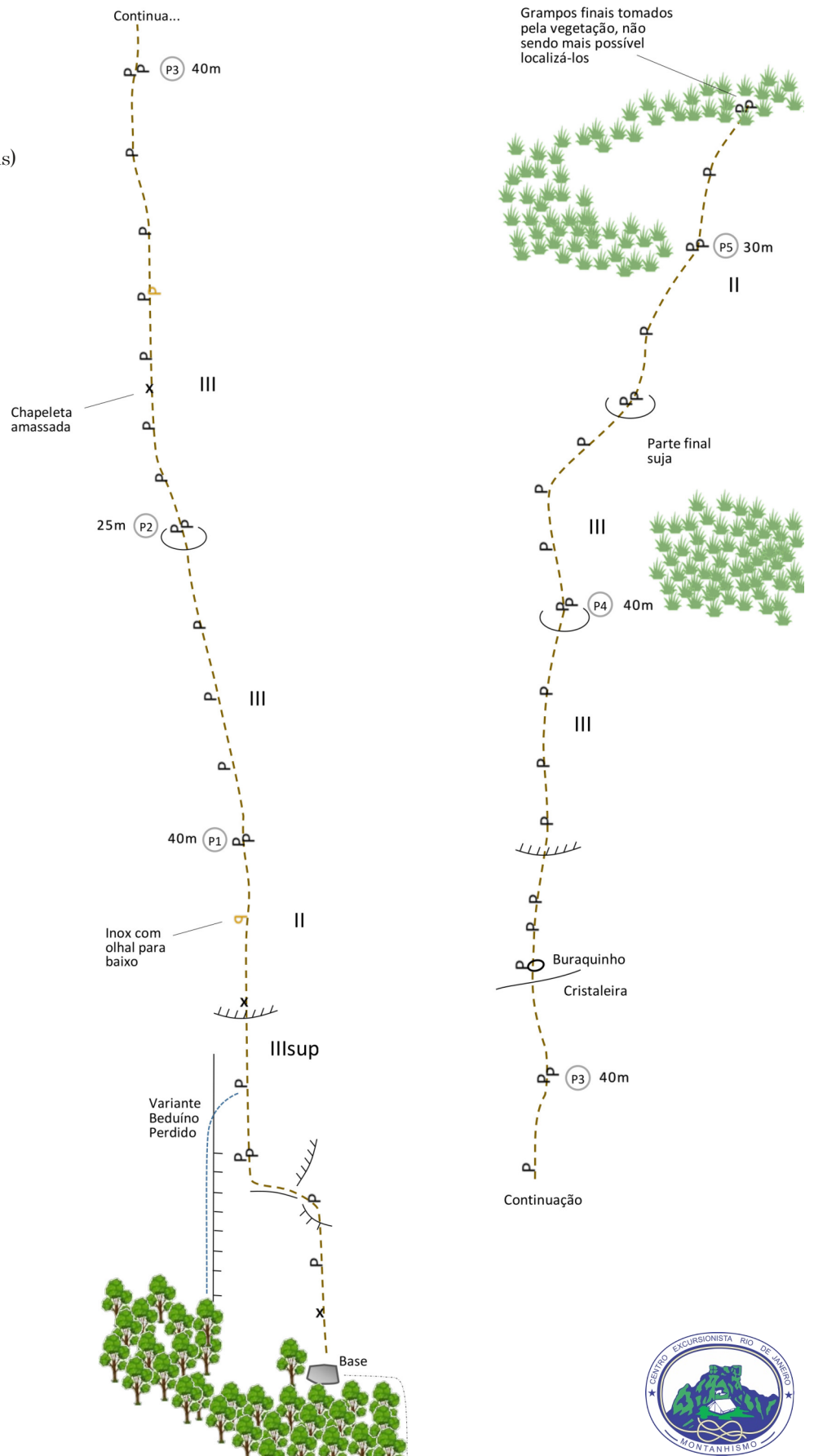
x chapeleta não rapelável

⬮ grampo de aço carbono

⬮ grampo de aço inox



*Linha aproximada da via.
O início do primeiro esticão está
escondido pela vegetação.*



Conquistas 1984

1. Dia 05 de abril, estaremos entregando na sede uma conquista que será uma surpresa que faremos ao homenageado. A escalada é de 3º grau, na Babilônia.
2. Paredão Heineken
2º grau (Pão de Açúcar)

O Boletim Informativo do CERJ n.º 479, de março de 1984, anuncia para o dia 05 de abril daquele ano a revelação da homenagem a Reinaldo Behnken.

EXCURSÃO: Paredão Reinaldo Behnken – Morro da Babilônia

DATA: 18/08/1984 – Sábado

11ª aula prática do Curso de Guias/84 do CERJ

Motivo: Entrega oficial do paredão

Esta seria a escalada inaugural deste paredão onde mais de trinta participantes se inscreveram para o evento, incluindo o próprio Reinaldo. Os alunos do Curso de Guias deveriam orientar todos os inscritos para prestigiar este gostoso paredão de 3º grau; era previsto que os mesmos teriam muito o que fazer na Urca até que todos subissem e descessem. Um dos grandes atrativos desta excursão era o fato de termos a oportunidade de homenagear e prestigiar um antigo companheiro muito querido.

Mas, mais uma vez devido ao tempo chuvoso e incerto, os participantes se assustaram e não apareceram. [...] Isto não é certo: nem deixar de ir ao ponto de encontro e tão pouco chegar atrasada; afinal de contas é no local de encontro que se desmarca uma excursão; principalmente com tantos participantes.

Mesmo assim ainda peguei o pequeno grupo que compareceu à pracinha. Cheguei lá às 9:10 e logo iniciamos a escalada. Este grupo era formado pelo guia e pelos alunos do curso de guias. As cordadas foram montadas da seguinte maneira:

(1) Carlos Gustavo Hedler e Norma de Almeida (revezando)

(2) Arthur Romualdo Juruena de Mello Júnior, Oswaldo Pereira Filho (Santa Cruz) e Alberto Campos Brito.

Pelo Salomyth subiram Marcelo Leite, Chamberley e Ronaldo Meira Paes.

Durante a escalada esfriou bastante, pois o sol que apareceu pela manhã foi encoberto por pesadas nuvens. Vimos inclusive que em Botafogo e no Flamengo chovia bastante, mas nós contamos com a proteção de São Pedro, que segurou a chuva da Urca até que tivéssemos terminado a excursão.

Após a descida, o pessoal resolveu continuar uma conquista do Santa Cruz à esquerda do Reinaldo Behnken. Ainda encontramos o Marcelinho do CEC, que se juntou ao grupo para ajudar. [...]

Foi mais um dia feliz na montanha junto aos amigos do CERJ.



CONQUISTAS EM 84

Até agora, as nossas conquistas em montanha, neste ano, foram: Paredão Heineken, segundo grau, no Pão de Açúcar (ao lado esquerdo da Chaminé Pão de Açúcar); Paredão Reinaldo Behnken, terceiro grau, no Morro da Babilônia (em conjunto com o CEB); Fissura Primus, quinto grau no Tijuca Mirim; o Campo Escola Helmuth Heske, em Itacoatiara, para treinamento de todos os graus e a Variante 1984, pelas Diretas, terceiro grau no Morro da Urca (também em conjunto com o CEB).

Além dessas conquistas, outras estão em andamento e que serão completadas este ano.

O Boletim Informativo do CERJ n.º 480, de setembro de 1984, faz um compilado de conquistas do clube naquele ano, incluindo a Reinaldo Behnken entre elas.

Giuseppe Pellegrini nasceu na Itália em 1938, 4 meses antes do nascimento do CERJ. Veio para o Brasil logo após a Segunda Guerra Mundial, aos 9 anos de idade.

Começou a praticar montanhismo logo cedo. No início da adolescência, frequentava a Pedra da Gávea com amigos. Nessa época já teve que gerenciar a primeira situação crítica de montanha, ao decidir descer sozinho a Pedra da Gávea, quando amigos acharam que seria melhor dormir no caminho. Quando conseguiu chegar na base, soube que a polícia estava se mobilizando para uma busca.

Nessa mesma montanha, a Pedra da Gávea, conheceu o Salomyth. Dois grandes homens da história do montanhismo se cruzaram e assim a história do CERJ estava escrita para se consolidar como um grande centro de formação de montanhistas de alta performance.

A primeira excursão que o Pellegrini fez pelo CERJ foi logo a Agulha do Diabo. Ainda antes dos 18 anos, ele teria a autorização do Salomyth para ser guia comissionado e em seguida se formou guia. Recebeu o pesado bastão do Salomyth ao assumir a responsabilidade de gerir a Diretoria Técnica do Clube. Foi nesse período inicial que, junto com outros grandes montanhistas, aplicou novas metodologias para a formação de guias de montanha. Esse novo modelo de formação de guias se mostrou muito eficiente. Os guias ali formados tinham preparo técnico, psicológico e físico avançados para levar grupos de pessoas para ambientes remotos. As provas técnicas eram rigorosas e os treinamentos pesados.

Pela formação do Pellegrini passaram grandes escaladores que, assim como ele, moldaram e ainda moldam a escalada brasileira. O modelo foi replicado em outros clubes de montanha.

Além da contribuição de levar para o montanhismo grandes atletas, Pellegrini atuou no desenvolvi-

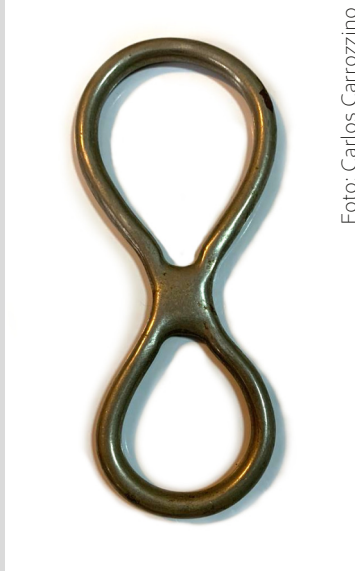


Foto: Carlos Carrozzino

O primeiro freio do tipo 8 feito no Brasil foi uma fabricação artesanal do Pellegrini.

mento de equipamentos. Fabricou o primeiro freio oito do Brasil – “promovendo uma verdadeira revolução nas técnicas de descida”, nas palavras de Carlos Carrozzino –, além de desenvolver grampos para conquistista, entre outros equipamentos.

As conquistas realizadas por ele e por seus pupilos constituem uma verdadeira era na escalada brasileira, denominada a ERA PELLEGRINI, por Waldecy Lucena, em seu livro HISTÓRIA DO MONTANHISMO NO RIO DE JANEIRO. Essas conquistas vão desde vias épicas, como a CHAMINÉ BRASÍLIA, em Pancas, no Espírito Santo, com pouquíssimas repetições; até linhas populares, como o PARE-

DÃO CORINGA e a própria REINALDO BEHNKEN, ambas no bairro da Urea, no Rio de Janeiro.

Giuseppe Pellegrini, portanto, faz parte do patrimônio do montanhismo brasileiro e é uma verdadeira honra que tenha realizado suas façanhas pelo CERJ.



Arquivo pessoal de Carlos Carrozzino

Giuseppe Pellegrini (de camisa listrada) posa ao lado de Reinhold Messner, a primeira pessoa a escalar as 14 montanhas com mais de 8 mil metros.



VEJA A ENTREVISTA COM O PELLEGRINI
SOBRE A CONQUISTA DA REINALDO BEHNKEN

PARTIU "ÚLTIMO GRAMPO"?

Se você já escalou no Rio de Janeiro, já deve ter ouvido a expressão "último grampo" em frases como: "Não vou poder escalar no domingo, mas vou para o último grampo" ou "Hoje vai ter um último grampo, hein!". Mas como diabos essa expressão surgiu e o que exatamente ela significa?

Na Urca, provavelmente o pólo de escalada urbano mais movimentado do planeta Terra, havia um bar chamado LAGUNA, onde hoje há um restaurante árabe. Esse bar, assim como o árabe, vivia cheio de escaladores, que ali se encontravam após as diversas escaladas no bairro. Mas o que esse bar tem a ver com a famosa expressão? Bem, o Morro da Babilônia, como se sabe, tem algumas vias nas quais, após a última parada dupla, há ainda um trecho com um ou dois grampos, como é o caso da VILMA ARNAUD, da M2 e da própria REINALDO BEHNKEN. Esse trecho final, próximo da vegetação, muitas vezes está sujo, molhado e escorregadio. E os grampos ali costumam não estar nas melhores condições.

Reza a lenda que num dia de sol causticante, ali por meados dos anos 1990, depois de uma escalada difícil numa dessas vias, já na última parada, um escalador mais gaiato foi perguntado pelo seu parceiro se eles iriam até o "último grampo". Ao que o gaiato respondeu irritado algo do tipo: "Último grampo? O último grampo é lá no Laguna!" E desceram para o bar e foram beber!

Mariozinho Richard jura de pés juntos que ele foi o tal gaiato criador da expressão, e que se inspirou no golfe. Nas palavras dele:

Todo campo de golfe tem 18 buracos. É a regra do jogo: 18 buracos! Em alguns campos por aí, nêgo começou a criar o buraco 19. O buraco 19 é o bar, sacou? Então o bar do campo tinha lá o nome BURACO 19. E isso tem no Rio. Lá no Itanhangá tem o bar BURACO 19. Mas ninguém fala "Vamos pro Buraco 19", fala "Vamos pro último buraco." E o último buraco é a birita. Daí surgiu essa parada do grampo.



Grupo de escaladores reunidos para um último grampo no Laguna, local de surgimento da famosa expressão que caiu no gosto da comunidade.

Mas há outras versões: Juca, escalador e baterista da GRANITOS BLUES BAND, diz que na verdade a expressão surgiu numa cordada em que ele estava, no Coloridos. Segundo ele:

Estávamos eu, [Mao Tsé] Brasil e Jana [Menezes] fazendo uma via no Coloridos e não fizemos cume. Voltando pela Cláudio Coutinho, a Jana comentou que há muito tempo não fazia o último grampo daquela via e eu de brincadeira falei que a gente não tinha ido até o último grampo porque o último grampo era no Laguna. A partir daí, toda vez que eu e Brasil terminávamos uma escalada, dizíamos "vamos até o último grampo". Acabou virando moda falar isto.

Saber exatamente o que aconteceu, contudo, é difícil, visto que todas essas pessoas escalavam juntas, na mesma época e no mesmo lugar. Além disso, todas elas bebiam no Laguna. Logo, o mais provável é que todas tenham se influenciado mutuamente, de modo que a expressão nasceu nesse caldo cultural. Como bem diz o Brasil:

Acredito que as duas versões são as prováveis origens do "último grampo", pois que eu me lembre, participei desses e de outros momentos com o Bodão, Pablito, BamoBamo, onde a gente sempre apontava pro Laguna no final da escalada... que boa recordação!

Assim, a expressão se disseminou. E hoje é usada para descrever qualquer encontro ou evento social após uma escalada, de preferência que incluía cerveja. E então, partiu último grampo?